

OS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS : Letramento no ensino básico e superior ¹

Christiane Renata Caldeira de Melo²

Ailton de Souza Gonçalves³

Maria Ângela de Moraes Cardoso⁴

25

Resumo: Este artigo apresenta, de maneira clara e sucinta, uma abordagem no ensino-aprendizagem da língua portuguesa, com prioridade em leitura e produção de gêneros textuais/discursivos orais e escritos para utilização deles nas práticas sociais. O enfoque está relacionado à mudança de hábitos dos professores da disciplina em questão, para que haja o letramento dos alunos na educação básica e no ensino superior para resolução de questões avaliativas contextualizadas na esfera escolar e na esfera acadêmica. Tudo isso com embasamento teórico em estudiosos da linguagem que propõem uma noção de texto diferenciada, uma abordagem da língua como fenômeno social, em constante transformação (Bakhtin, 2011), (, 2008) (Kleiman, 2002) e (Koch, 2012).

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Gêneros textuais/ discursivos. Letramento

Abstract: This article presents, in a clear and succinct way, an approach in teaching-learning of the Portuguese language, with priority in reading and production of oral and written textual / discursive genres for their use in social practices. The focus is related to the change of habits of the teachers of the discipline in question, so that there is the literacy of the pupils in basic education and in higher education to solve contextualized questions of evaluation in the school

¹ Pesquisa financiada pelo Núcleo de Iniciação Científica (NIP) das faculdades Finom e Tecsoma, Grupo GPAE, em Avaliação e Ética.

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), docente da Finom/Tecsoma e atua como professora de Português na rede estadual e municipal em Paracatu. Líder do grupo de pesquisas GPAE (Avaliação e Ética das faculdades Finom/Tecsoma), pesquisa financiada pelo Núcleo de Iniciação Científica (NIP).

³ Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e doutorando em Ciências da Religião pela PUC-Goiás, coordenador do Núcleo de Apoio Psicopedagógico e docente das faculdades Finom e Tecsoma. Membro do Grupo de pesquisa GPAE.

⁴ Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília, Diretora Acadêmica da faculdade Tecsoma e membro do grupo de pesquisas GPAE.

Recebido em 30/03/2019

Aprovado em 29/04/2019

and academic sphere. All this with a theoretical basis in language scholars who propose a notion of differentiated text, an approach to language as a social phenomenon, in constant transformation (Bakhtin, 2011) (Marchuschi, 2008) (Kleiman, 2002) and (Koch, 2012).

Keywords: Reading, Writing, Text / discursive genres, Literature

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a acuidade do ensino da língua portuguesa sob ponto de vista interacionista, por meio de gêneros textuais/discursivos⁵ orais e escritos que circulam socialmente, ler e escrever como práticas sociais. Uma concepção de aprendizagem de língua com enfoque no texto, porque uma sociedade com muitas tecnologias necessita de indivíduos que possam continuar a aprendizagem e, para isso, precisa ler. Para melhor compreensão da abordagem proposta, segue a definição dos gêneros dada por Marcuschi (2008) em *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*:

A noção de gênero vem envolta num conjunto relativamente extenso de parâmetros de observação, tendo em vista a complexidade do fenômeno que envolve aspectos linguísticos, discursivos, sócio-interacionais, históricos, pragmáticos, entre outros. Eles são fenômenos relativamente plásticos com identidade social e organizacional bastante grande e é parte constitutiva da sociedade. Acham-se ligados às atividades humanas(...) (MARCUSCHI, 2008, p.27)

Pressupõe-se, desse modo, que é necessário que os estudantes frequentem a escola, passem pelo ensino básico e superior e saiam de desses espaços com habilidades de leitura e escrita exigidas pela modernidade, visto que o século XXI propõe essa postura deles, visto que todos os indivíduos estão inseridos em uma sociedade que se baseia na escrita. Conclui-se que as práticas adotadas em sala de aula com ênfase no ensino gramatical, unilateral, não desenvolvem de fato o “aprender a aprender”, um dos pilares básicos de uma educação de qualidade. Há uma ineficácia no ensino básico voltado para o estruturalismo, análise isolada de palavras, frases, orações e períodos. Práticas as quais não se fundamentam os gêneros com relação à sua estrutura composicional, estilo e tema (Bakhtin, 2011). Conforme esse estudioso

⁵ Adotamos o posicionamento de designarmos os gêneros discursivos não como sinônimos de gêneros textuais, mas com aporte em Bakhtin (2011), no capítulo denominado por ele “Os gêneros do discurso”.

da linguagem, usa-se a comunicação nas diferentes esferas das quais fazemos parte por meio dos gêneros orais e escritos.

Nessa abordagem, a língua é um fenômeno social de comunicação, logo o objetivo principal da aula de Português é, ou pelo ao menos espera-se que seja, a leitura e a produção de textos, como também dos conteúdos curriculares das disciplinas de ensino básico e superior. Outra observação a ser feita recai sobre o fato de que, se não houver uma mudança de postura dos docentes, os estudantes continuarão a concluir o ensino médio e prosseguirão nos estudos com lacunas no tocante às habilidades de leitura e escrita. Os educandos se deparam com provas de vestibular e sistemas de avaliações de ensino como, por exemplo, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e ENADE⁶ (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), os quais investigam a capacidade de leitura, de relacionar informações, dados e interpretá-los, assim como a produção textual. Expõem gêneros diversificados, a saber: tabela, pintura, gráficos, artigos, notícias e não somente conhecimentos estanques e descontextualizados.

Ao chegar à universidade, ao contrário do que acontecia no ensino tradicional, as competências e habilidades continuarão a ser-lhes cobradas durante todo percurso acadêmico e no mercado de trabalho no qual se estabelece uma cobrança de pessoas com propensão à leitura e à produção de diferentes gêneros textuais/discursivos orais e escritos. Assim, um advogado redige petições, processos; um médico prescreve remédios com a receita, engenheiros elaboram projetos, palestras, entre outros.

Em situações variadas e em qualquer área, necessita-se de um profissional capaz de se comunicar bem na sua língua, escolher a variedade linguística apropriada ao contexto e as características que distinguem um gênero discursivo/textual de outro para leitura, interpretação produção textual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2008) de língua portuguesa já trazem a preocupação com a forma em que acontece o processo de ensino e aprendizagem da língua, porque, para ensinar verdadeiramente o Português deve-se:

Dar aos alunos condições para que dominem a língua escrita, não só como conjunto de leis que regem a correta grafia das palavras e um conjunto de regras sintáticas que orientam a estruturação de frases, mas também como um

⁶ O ENADE avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação, em relação aos conteúdos programáticos, habilidades e competências adquiridas em sua formação. O exame é obrigatório e a situação de regularidade do estudante no Exame deve constar em seu histórico escolar. A primeira aplicação do Enade ocorreu em 2004 e a periodicidade máxima da avaliação é trienal para cada área do conhecimento.

complexo histórico-cultural que vem produzindo interpretações dos textos reconhecidos como especialmente significativos para a constituição da história cultural expressa nessa língua escrita. Ensinar português aos alunos para se tornarem capazes de entender os textos que leem e não se limitar a apenas estigmatizá-los como incapazes de entender o que leem. (GUEDES & SOUZA, 2004, p.141.)

Seguramente, não se pode rotular o aluno como alguém que desconhece seu idioma, diferenciá-lo; por meio do preconceito linguístico para desculpar-se e ignorar uma solução para essa problemática. O primeiro passo se constitui de uma mudança de postura do professor de língua portuguesa e outras áreas frente ao contexto em discussão nesta pesquisa. Outro fator relevante e, intrinsecamente, ligado ao que já fora mencionado é a distinção entre indivíduo letrado e alfabetizado. Essas palavras possuem acepções opostas, e neste artigo, o vocabulário letramento é o ponto de partida para uma visão de ensino da língua como fator de interação e não somente como aquisição da escrita, juntar as letras num processo mecânico. Esta última deixa de lado a consciência de que o ensino da língua portuguesa com os gêneros textuais/discursivos promove o letramento. Leia, portanto, o excerto do livro *Leitura e práticas disciplinares*:

A diferença entre ser alfabetizado e ser letrado implica diferenças no grau de familiaridade com diversos usos da escrita do cotidiano: escrever um bilhete e cartas, compreender uma notícia no jornal, entender uma explicação médica, preencher formulários oficiais, defender seus direitos de consumidor, contribuir para um debate. Um indivíduo plenamente letrado também é capaz de desfrutar de um romance, de um poema (...) Ser letrado se estende também ao conhecimento de práticas orais. É função de a escola formar sujeitos letrados (no sentido pleno da palavra), não apenas sujeitos alfabetizados. (KLEIMAN, 1999, p.91)

A formação de discentes letrados é salutar na educação, hodiernamente, visto que é esse quem frequenta o ensino básico e superior para paulatinamente inserir-se na esfera do trabalho e acadêmica, como também responder às demandas de avaliações de ensino as quais privilegiam a leitura, interpretação e produção textual como ENEM e ENADE.

Letramento e Alfabetização

Antes de discorrer acerca dos gêneros é importante elucidar a distinção entre alfabetização e letramento. Para isso, Kleiman (2010) explica que o conceito de letramento, já incorporado ao discurso escolar, foi sendo utilizado por diversas áreas (como a didática, a

linguística, a pedagogia) e nos PCNs para se referir aos usos da escrita e que, dessa forma, a acepção desse vocábulo, a não compreensão do que seja tem causado muita confusão no ensino. Por essa razão, prefere antes explicar o que não é letramento, para então, esclarecer o que é. O letramento, segundo a autora, não é um método de ensino, mas uma prática de leitura que insere o indivíduo no universo da leitura e da escrita. E para tanto, a instituição escola tem um papel fundamental, desse modo é necessário que o professor adote práticas em sala de aula com diversos gêneros textuais/discursivos, pois o letramento envolve saber usar a escrita em qualquer enfoque, em situações de comunicação distintas. Em seguida, afirma que letramento não é alfabetização, mas ambos estão associados, nesse aspecto, aproxima-se das ideias de Magda Soares (2004) presentes no artigo Letramento e alfabetização: as muitas facetas, quando esta diz que estes são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis.

A alfabetização, é uma das práticas de letramento que envolve um processo sistemático de aquisição de regras de funcionamento e uso do código e que, embora envolva várias habilidades e competências, letramento não é habilidade, porque envolve múltiplas capacidades, muitas delas sem necessariamente ter relação com a leitura. Ensinar o letramento, portanto, “uma expressão no mínimo estranha, pois implica uma ação que ninguém, nem mesmo um especialista, poderia fazer” (p. 16). Assim sendo, não se pode adotar as palavras alfabetização e letramento como sinonímias. Ademais, não se confunde os estudantes os quais sejam alfabetizados com aqueles os quais sejam letrados. As práticas sociais de leitura e escrita estão em ambientes diversos. Como enfatiza-se, nesta pesquisa, o letramento no ensino básico e no superior, a próxima seção detalha os gêneros como meios de ensino-aprendizagem para formação de leitores e produtores de textos.

Gêneros textuais /discursivos no ensino

Um processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, em que se considere os gêneros textuais/discursivos com o enfoque nas aulas, não significa deixar de ensinar aos alunos ortografia, norma padrão e não-padrão, sintagmas nominais e verbais tudo aquilo considerado importante nas gramáticas tradicionais e nas linguagens presentes nos outros conteúdos norteiam o currículo. Apenas, inverte o cenário para que qualquer falante saiba, em consonância

com o PCN, reconhecer a língua sob a visão “uso-reflexão-uso”. Nesse contexto, a língua nas práticas sociais das quais os estudantes fazem parte.

Isso, também, não permite ao professor selecionar quaisquer textos, sem observar a estruturação e o que eles podem trazer de conhecimento para o aluno. É, sim, um trabalho sistematizado, sem categorização dos gêneros textuais/discursivos, como se faz constantemente com as classes gramaticais: substantivo nomeia; adjetivo caracteriza; verbo indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Mencionam-se crônica, charge, notícia, cartum, artigo de opinião, receita culinária, entre outros, sem levar em consideração que são maleáveis e infinitos para as relações por meio da língua. Ao contrário, formar cidadãos que compreendam esses e outros gêneros que surgem no convívio social e com as novas exigências de se comunicar, vive-se hoje a *cibercultura*. Leia a seguinte afirmação de Marcuschi:

Os gêneros (...) caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p.19)

Portanto, é indulgente saber dessa característica dos gêneros e distingui-lo de tipo textual, a fim de que não se prenda naquela tríade de narração, descrição e dissertação, uma vez que essas são sequências discursivas com especificidades próprias. A divisão de gênero e tipo é importante no contexto escolar, como também, apropriar-se dos gêneros, saber o objetivo de cada um, a maneira de lê-los insere o indivíduo na sociedade. Em situações cotidianas, distingue-se um letreiro de ônibus, de um boleto e extrato bancários, um folheto, manual de instrução, dentre outros. Cada um em uma situação de comunicação, com finalidades e funções opostas. Leia a definição:

Em geral, a expressão “tipo de texto”, muito usada nos livros didáticos e o nosso dia-a-dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas sim um *gênero de texto*. Quando alguém diz, por exemplo, “a carta pessoal é um tipo de texto informal”, ele não está empregando “tipo de texto” de maneira correta e deveria evitar essa forma de falar. Uma *carta pessoal* que você escreve para sua mãe é um gênero textual, assim como um editorial, piada, poema (...) É evidente que em todos estes gêneros realize dois ou mais tipos, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. (MARCUSCHI & DIONÍSIO & MACHADO & BEZERRA, 2010, p.25)

Cabe ao professor direcionar a aula, fazer o levantamento das características de um gênero: seu contexto de produção, destinatário, assunto e linguagem. Seguir os passos seguintes: 1º - verificar o que o aluno sabe sobre o gênero; 2º - trabalhar aqueles pontos que ajudarão o aluno a compreender e melhorar sua produção; 3º - verificar o que o aluno aprendeu, no ensino básico e superior.

Existem também recursos, suportes para o docente. Em Minas Gerais, a Secretaria de Estado de Educação implantou um sítio onde nele estão presentes sugestões de atividades, roteiros de aulas e até projetos. Todos elaborados por especialistas em linguagem da UFMG. Isso é abordado no PCN da seguinte forma: “Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como, resultantes da articulação de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino”.

Ao entrar para uma instituição de ensino básico, todos devem se envolver para que haja o sucesso do aluno. E, para conseguir tal finalidade, é bom promover a ampliação do nível de leitura dos alunos de maneira progressiva e que estes se tornem cidadãos capazes de desenvolver a escrita nas situações comunicativas variadas. Observe como o PCN aborda essa questão:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (...) atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários ao exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA, p.23)

Sendo assim, existem inúmeras ferramentas que podem ser usadas para garantir um ensino embasado no dialogismo presente na linguagem. O trabalho em sala com jornal, revista, filme, livro didático, por exemplo, permitem a formação e o acesso aos conhecimentos da língua. Aliás, o livro didático já vem com gêneros distintos, sem esquecer-se do fato de que este constitui apenas um dos interlocutores no processo de ensino-aprendizagem do idioma. É um suporte para o letramento dos alunos, sua escolha requer uma análise minuciosa, especialmente, na sessão destinada à compreensão dos textos. Investigar, nesta parte, se há atividades de raciocínio, sem privilegiar a cópia ou atividades de vale-tudo como resposta. Existe uma gama de recursos para que o ensino-aprendizagem da língua ocorra efetivamente.

Nessa perspectiva, observa-se o contexto de produção e circulação de um gênero, destinatário, assunto, forma, estrutura e linguagem. Depois, verifica-se o que o aluno sabe sobre o gênero, por conseguinte levantam-se pontos facilitadores à compreensão e à produção. E, ao final, a verificação da aprendizagem, atividades de retextualização são excelentes para desenvolver as habilidades de escrita. Essa consiste em transformar um gênero em outros, por exemplo, uma charge em artigo de opinião, conto, crônica, música, poema, entre outros.

Ao fazer isso, o falante da língua tem a oportunidade de escolher a linguagem apropriada, se é verbal, não-verbal, se usa a língua padrão ou não-padrão e a forma discursiva privilegiada num e noutro texto. Ele compara-se e percebe, conseqüentemente, que de acordo com a intenção comunicativa se escreve com o mesmo idioma inesgotáveis formas de se expressar com textos orais e escritos, como também, leituras diversificadas vão sendo incutidas nos alunos da educação básica. Sabe-se que o suporte de circulação interfere na leitura, ou seja, uma crônica não deixa de ser crônica se publicada num jornal ao invés de um livro literário. Muda-se o domínio discursivo. Veja como Marcuschi apresenta esse assunto:

Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como (...) videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate-papos virtuais (*chats*), aulas virtuais (*aulas chats*) e assim por diante. (MARCUSCHI, 2002, p.20)

Cada gênero textual/discursivo permite uma exploração linguística, bem como os efeitos de sentido pretendidos pelo locutor dele. O trecho vem ao encontro de argumentos levantados anteriormente neste artigo, já que a língua está em constante mudança e um ensino limitado em nomenclaturas significa fechar os olhos para nova realidade. Por isso, cada um deve se informar dos recursos utilizados pelo discurso da mídia, o porquê dos verbos no imperativo, trocadilhos, inversões, a exibição da beleza, e dissociar o porquê de uma notícia objetivar a informação, com linguagem clara e frases em ordem direta. As comparações aqui referidas são poucas, diante das inúmeras existentes. Como observa Kleiman:

Isto significa que para utilizar com sucesso a escrita (sempre entendida como abrangendo tanto a leitura como a produção de textos) é preciso conhecer as

regras e normas das instituições que legitimam essas práticas. E as regras e convenções de uso do alfabeto e da língua padrão. Envolvem conhecimentos profissionais, rituais, sócio-históricos, de foro íntimo, enfim, envolvem todo espectro dos conhecimentos acumulados sobre o que procurar nos textos, a quem esses estão dirigidos, quais os seus objetivos, como falar sobre eles, como disseminá-los, quais as relações que devem ser estabelecidas entre tema, público, objetivos, enfim variados aspectos de situação comunicativa. (KLEIMAN, 1999, p.93)

Os autores aqui citados, Kleiman e Marcuschi, concordam com um ensino da língua portuguesa que considere o contexto de produção e circulação dos gêneros textuais/discursivos, uma forma de inserção do indivíduo em uma sociedade, seja capaz de ler e escrever com proficiência. Os autores dialogam entre si com seleção de vocábulos diferentes, embora visem um único intuito de demonstrar por meio de estudos de linguagem que práticas anteriores não são mais eficazes. O reconhecimento dessa afirmação leva à reflexão e à alteração em conceitos pré-estabelecidos como únicos e verdadeiros. Assim como todo ser vivo passa por várias fases e o que era fundamental deixa de ser em uma determinada fase da vida, o conhecimento e as formas de adquiri-lo seguem essa tendência. Uma frase que vem ao encontro das ideias expostas até aqui: “As exigências de leitura são cada vez maiores, as tecnologias aumentaram as demandas de leitura feita aos cidadãos para se interagirem na sociedade contemporânea”. (KLEIMAN, 1999, p.92)

Ainda tem uma definição imprescindível que não fora aludida nas páginas anteriores: a definição ampla de texto, dentro dos estudos da linguística textual dada no livro *O texto e a construção dos sentidos*:

...o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm o lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. Defende-se, portanto, a posição de que:

- a. a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;
- b. trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual. (KOCH, 2000, p.22)
- c.

Uma concepção como essa implica considerar que locutor e interlocutor não estão distantes um do outro, eles relacionam entre si e constroem os sentidos dos gêneros, compartilham conhecimentos de mundo, reconstróem a partir das pistas textuais a intenção comunicativa. Aprender as normas da língua auxilia o aprendiz nesse processo porque passa a entender as organizações das palavras, organizações de períodos, o sentido das palavras, conjunções, uso predominante de substantivos, adjetivos, verbos, isto é, a escolha lexical e os efeitos de sentido.

É percebendo a intertextualidade, um texto dentro de outro de forma mais ou menos reconhecíveis, que se constata a heterogeneidade, e a polifonia, as vozes presentes em qualquer materialização do gênero. Tudo isso são conceitos elementares para estudo baseado no e pelos gêneros textuais/discursivos orais e escritos. Ademais, os alunos de ensino superior chegam à universidade e necessitam que no cotidiano os docentes continuem com a exploração dos gêneros textuais/discursivos, tendo em vista que as avaliações contemporaneamente são contextualizadas e preparam esses aprendizes para esfera ora do trabalho, ora acadêmica. No ENADE, especificamente, existem exigências na formação geral de competências e habilidades as quais se inter-relacionam com leitura e interpretação.

Conclusão

A ideia de que sempre um falante da língua portuguesa está num processo de interação verbal, em que um locutor exerce influência em um interlocutor e vice-versa, encerra em si os argumentos levantados neste artigo, como também a valoração de um ensino com base nos gêneros textuais/discursivos no ensino básico e superior. Em suma, uma concepção de língua que leva em consideração a relação de um indivíduo com outro. Como toda comunidade compartilha de um código linguístico, responsável pelo ato de comunicar-se, socializar-se e, com isso, viver em sociedade, deve-se priorizar um ensino-aprendizagem eficaz.

Isso se faz, mostrando aos estudantes os caminhos necessários para bom desempenho com a língua portuguesa. Um ensino que faça sentido entre os sujeitos da educação: professores e alunos, com base nos gêneros textuais-discursivos, objetivando o letramento o qual não se finaliza no ensino médio tampouco no ensino superior. A formação de discentes capazes de ter

acesso a informações, que conseguem selecionar dados, transformar o conhecimento, expor o que pensam, por meio da língua oral e escrita em variadas situações de comunicação.

É bom salientar, também, que todos os professores devem servir de modelos de leitura de linguagens na filosofia, sociologia, matemática, física, entre outras . Não deixar a responsabilidade de promover a leitura e escrita somente para o professor de língua portuguesa.

Outro fator relevante é destacar a função da escola: assegurar um ensino de qualidade, garantir a todos que nela estão inseridos a consciência de que ler e produzir textos são fundamentais ao cidadão. Esse lugar não pode perder essa função, visto que a maioria das pessoas tem acesso ao mundo letrado apenas no ensino básico e posteriormente no ensino superior.

Em muitos casos, o insucesso está relacionado aos profissionais despreparados para um processo de ensino-aprendizagem assim, não receberam esta formação e ficam desmotivadas à mudança de postura. Embora seja difícil, existem outras possibilidades dos docentes se capacitarem, podem

Referências

BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: Mec,1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6ed.São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GUEDES, Paulo Coimbra & SOUZA, Jane Mari. “**Não apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português**”. In: NEVES, Iara C. Bittencourt et al, org. *Ler e escrever, compromisso de todas as áreas*. 6.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. MORAES, Silvia E. “Leitura e práticas disciplinares”. IN: *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo rede de projetos da escola*. Campinas: Editora Mercado de Letras,1999.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/ IEL/ UNICAMP, 2005-2010, 60 págs.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “**Gêneros textuais: definição e funcionalidade**”. In DIONÍSIO, Ângela p. & MACHADO, Anna R. & BEZERRA, M^a Auxiliadora. *Gêneros textuais e o ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

KOCH, Ignoré Vilaça. **O texto e a construção de sentidos**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação** n.25, p.5-7, Jan./abr.2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 20 dez.2013.